

**INGLÊS DE SOUSA COMO CRÍTICO LITERÁRIO:
ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL PERNAMBUCANO *A AUTORIDADE***

Marcela Ferreira
Instituto Federal de Goiás/Campus Uruaçu

O escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918) é considerado como o inaugurador do ciclo amazônico na literatura brasileira, por retratar em suas obras a vida social e cultural da Amazônia. É conhecido principalmente pelos livros *O missionário* (1891) e *Contos amazônicos* (1893), mas antes dessas obras, escreveu, entre 1875 e 1877, os romances *História de um pescador* (1876), *O cacaulista* (1876) e *O coronel Sangrado* (1877). A pesquisa em periódicos do século XIX revela que o escritor, além de escrever obras de ficção, também se mostra como um crítico literário em suas colaborações nos jornais de Recife/PE.

Aos 11 anos, Inglês de Sousa é levado de sua terra natal para o Maranhão, com o propósito de estudar no bem conceituado Instituto de Humanidades. Em 1867, vai para o Rio de Janeiro e, no ano de 1870, muda-se para Pernambuco, onde completa os preparatórios e ingressa na Faculdade de Direito. O jovem acadêmico participa da “Escola de Recife”, que teve como mentor Sílvio Romero, e tem contato com as ideias modernas, visto que estas circulavam livremente e eram divulgadas e discutidas na época.

Os primeiros artigos de crítica literária de Sousa, provavelmente, foram publicados em 1873, no jornal *O Lábaro*, como aponta Rodrigo Octávio Filho no livro *Inglês de Sousa: 1º centenário de seu nascimento*¹. Infelizmente, nos números disponíveis do referido jornal, pertencentes à Biblioteca Nacional, não há textos do autor. Contudo, no ano de 1875, aliás, último ano que passa em Recife, Sousa colabora em três jornais: *A Província*, *A Luta* e *A Autoridade*, deixando neste último uma amostra de seu trabalho como crítico literário.

O jornal acadêmico *A Autoridade* foi lançado no dia 14 de maio de 1875 e apresentava como epígrafe a frase de Victor Hugo: “Ce n’est rien sans l’esprit, c’est tout avec l’idée”. Um jornal polêmico, por se pronunciar como “conservador” e combater as ideias dos jornais liberais, como *A Escola*. Os artigos da folha eram divididos em três seções: política, direito e literatura. Na parte literária encontram-se poesias, crônicas, folhetins e crítica.

Entre maio e julho de 1875, assinando como H. Marcos de Sousa, Inglês de Sousa publica n’*A Autoridade* três artigos de crítica literária: “Erckmann-Chatrion”, “Jacina, a marabá (Crônica do século XVI)” e “A questão de escola em literatura”². Nos artigos, o escritor se mostra um leitor e apreciador de literatura nacional e estrangeira e destaca-se como um defensor de novas tendências na literatura, tentando traduzir e apresentar, a partir de suas concepções e entendimento, uma nova escola literária, o Realismo.

Sousa constrói seus dois primeiros artigos a partir de um assunto abrangente sobre literatura, e depois delimita um autor ou uma obra específica a ser estudado. Em “Erckmann-Chatrion”,

¹ OCTAVIO FILHO, Rodrigo. *Inglês de Sousa*. 1º centenário de seu nascimento. Rio de Janeiro: Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1955.

² Os artigos “Jacina, a Marabá” e “A questão de escola em literatura” também foram publicados em outros jornais, respectivamente, no *Diário de Minas*, de Ouro Preto, e no *Brasil Americano*, do Rio de Janeiro, ambos em agosto de 1875.

disserta sobre a escola realista e algumas de suas características, e insere os escritores franceses Émile Erckmann e Alexandre Chatrian, como aqueles que “tem sabido compreender a missão da literatura”. Já em “Jacina, a Marabá” registra sua opinião sobre o atual estado da literatura brasileira e lamenta o desconhecimento da nossa história, conhecida apenas pelos “fatos principais”. O autor ainda argumenta a favor da literatura nacional e, principalmente, da literatura regional. Após a introdução se debruça sobre a obra de Araripe Júnior. No último artigo, “A questão de escola em literatura”, o crítico não destaca uma obra ou um escritor, como nos textos anteriores, prioriza um tema, lançando seu programa para a literatura nacional e defendendo o Realismo como tendência e escola.

Os artigos de crítica publicados na imprensa pernambucana ajudam a entender o processo de formação da consciência literária de Inglês de Sousa. As ideias sobre o Realismo transmitidas nos textos levam a uma reflexão sobre a escrita dos primeiros livros do autor, que começam a sair à luz no ano seguinte, primeiramente na imprensa paulista. Seu primeiro romance, *O cacaulista*, foi escrito em Recife, no ano de 1875, em concomitância com a escrita dos artigos de crítica literária aqui em foco.

Ao comentar os artigos de Sousa da época em que era estudante de Recife, José Lins do Rego caracteriza-os como “bem curiosos para os que pretendem escrever a história do naturalismo brasileiro” e afirma que o “estudante Inglês de Sousa vinha a público para clamar pela vida, pela realidade das coisas, pela arte, expressão direta da vida, a arte crua, a arte sem meias palavras”.³ O autor de *Fogo Morto* não especifica sobre quais artigos de refere, mas é clara a relação de seu comentário com os textos d’*A Autoridade*.

Depois de mais de 100 anos, os artigos estão novamente disponíveis. Eles são peças-chave para se refletir sobre a escrita dos primeiros livros de Inglês de Sousa que já defende o Realismo em 1875, mas da forma como ele compreendeu, usando escritores não propriamente ligados ao movimento, visto que as ideias sobre a estética ainda estavam sendo discutidas na época.

ERCKMANN-CHATRIAN

Balzac foi o primeiro que deu um profundo golpe no romantismo, escola de [...]ssimo, mas efêmero brilho, estu[...] os seus contemporâneos, compreendeu o espírito da época, e a *Comédia humana* apresentou um mundo real e ani[...]ado. Os personagens tiveram uma existência íntima, a sociedade moderna espelhou-se ali com a sua poesia à parte, com tudo o que ela tem de bom ou de mau, e principalmente com a sua face [...]liente, a questão financeira. Em seus romances o tabelião tornou-se um ente mais interessantes que Antony ou Lelia, [...] contratos civis representaram um papel importantíssimo, a *demand*a assumiu as proporções de uma epopeia.

Se Balzac, criando os grandes caracteres, pintava a sociedade, Beyle ocupou-se mais particularmente do *homem*. Tomando por assunto a *alma*, o autor de *Rouge et noir* soube criar tipos, que por serem novos e grandemente originais, não deixaram de ser verdadeiros. De um estilo rápido, incisivo, despido de todas as flores de retórica, a constante preocupação de Beyle é a análise lógica do caráter dos seus personagens: ato por ato, ideia por ideia, sentimento por sentimento, tudo

³ REGO, José Lins do. Inglês de Souza e os naturalistas. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 7 set 1941. Suplemento literário: Autores e livros.

⁴ Alguns critérios adotados na transcrição dos textos: a ortografia foi atualizada, de acordo com as normas vigentes. Para respeitar a escrita de Inglês de Sousa, manteve-se a pontuação, mesmo que em alguns momentos o texto não pareça fluente para os leitores de hoje. O uso dos pronomes oblíquos foi conservado, sempre que possível. As palavras grifadas pelo próprio autor foram mantidas em itálico, tanto as estrangeiras, como as destacadas para dar ênfase em algum momento. Os trechos ilegíveis foram marcados dentro do texto por [...]. Todas as alterações foram feitas tentando respeitar o texto original do autor.

ele nota, tudo ele critica, de forma que não pode o leitor apontar neles a menor inconseqüência.

“Os personagens de Stendhal, diz um escritor, vivem só da vida da alma; e é por isso que o romancista narra os maiores acontecimentos com a frieza do observador impassível, e parecendo descuidar-se deles procura somente verificar a impressão que produziram nos seus personagens.”

Mas a obra de Balzac, aquela grandiosa concepção da “Comédia humana” ficou sem continuador. Beyle, colocado em terreno desigual limitara-se a mostrar, com o seu admirável talento de psicólogo, quanto era possível tentar fora da senda batida do romantismo.

Depois destes dois grandes vultos, que apesar do que possam dizer alguns críticos, são os verdadeiros fundadores da moderna escola realista em França, o *realismo* apresentou uma face nova, face que pouco a pouco se foi modificando até chegar ao estado em que está. Afastando-se do ponto de vista de Balzac, e circunscrevendo-se a um plano menos vasto, em vez de pintar grandes caracteres, e de encarnar os vícios e virtudes sociais como fizera o autor do *Père Goriot*, procuraram os sectários da nova escola retratar os costumes da sociedade em que vivem, a vida de um povo, as situações e cenas mais íntimas da família; e se nestas condições a literatura perdeu em elevação, ganhou incontestavelmente em verdade. Adolphe Bellot põe sob os nossos olhos a podridão francesa, e Auguste Barbier riu acerbamente nos lambos e nas Sátiras.

Os românticos declararam a nova seita incapaz de poesia; François Coppée desmentiu-os brilhantemente, e os *puros* rasgaram de[...]tados as páginas dos *Humildes*.

Guerra Junqueiro acabou a vitória do bom senso, cantando em versos riquíssimos a morte dos Antonys.

O princípio da utilidade foi em breve adotado por distintos escritores realistas; *A cabana de pai Thomaz* concorreu grandemente para a emancipação dos escravos nos Estados Unidos, e em *Minha mulher e eu* Beecher Stowe trabalha surdamente pela emancipação do seu sexo. Entre nós, Macedo, o romântico autor da *Moreninha* e do *Moço Loiro*, escreve as *Vítimas Algozes* palpitante de verdades amargas.

Entre os escritores que têm sabido compreender a missão da literatura nestes tempos, ocupam um lugar distinto os franceses Emilio Erckmann e Alexandre Chatrian.

Estes dois romancistas têm publicado há tempos a esta parte, um grande número de obras, todas têm o cunho da originalidade do que são dotados. Uma simplicidade de estilo, mas simplicidade verdadeira e não afetada, e que por isso mesmo revela todo o trabalho artístico que a produziu, sem que em parte alguma apareçam vestígios desse trabalho, eis um dos caracteres mais salientes dos livros desses autores.

Em todos eles transluz certa *bonhomia alleman*, certa inclinação para ver tudo pelo melhor lado que não desaparecem, nem mesmo nas cenas mais tristes e comoventes; os costumes são pintados com toda a verdade, os personagens têm uma frescura e viveza, que os gravam indelevelmente na imaginação do leitor. Com uma palavra exprimem Erckmann-Chatrian uma ideia precisa e clara.

Ao abrir um desses livros, sente-se logo o leitor à vontade: os tipos aparecem *com toda a decência* e com prévia apresentação, e não bruscamente como em alguns romances, dando assim ao leitor a calma e o tempo de apreciá-los. A narração corre ligeira, animada, interessante, sem que os autores poupem um pormenor, uma palavra que possa representar melhor um objeto. Os quadros têm um cunho de originalidade e um colorido que faz realçar as figuras: são quadros à Teniers. A *vis comica* é admirável, e a ironia muitas vezes fina como no *Illustre Docteur Matheus*.

Ninguém sente melhor as belezas da natureza do que Erckmann-Chatrian; as descrições que se encontram nos seus livros, são de um raro mérito; e não que a façam com muitas palavras e extensos pormenores: mas rapidamente e como de passagem aí as vão deixando cintilantes de poesia realista. No meio das maiores tribulações da vida os personagens dos dois autores lançam um olhar furtivo para a montanha grandiosa ou para o florido prado, e parecem receber conforto destas coisas. Na *Histoire d'un sous – maitre* João Baptista, antes de sair da miserável água furtada em

que habita, para entregar-se ao seu penoso lidar, e chamando impacientemente pelo mestre-escola, tem ainda tempo para abrir a trapeira e contemplar o sol a dardejear os raios sobre a encosta do monte.

Outra face saliente e digna de nota do caráter do talento de Erckmann-Chatrion é o interesse que sabem dar a entrecos vulgares por si, — completamente despídos de romanesco, e o que é mais, já conhecidos e tratados por homens como Shakespeare. É assim que *Les Deux-frères*, romance cujo enredo é a rivalidade de duas famílias, sendo que o filho de uma delas ama perdidamente a filha da outra e é correspondido, excita e prende a atenção de um modo que envergonharia ao sublime trágico e a Walter Scott. A respeito deste livro, disse Alfredo Saldanha, parodiando o aforismo latino; “Nada é velho debaixo do sol.”

O *Ilustre Doutor Matheus* e o *Mestre Daniel Roch* são os dois romances mais antigos que conhecemos de Erckmann-Chatrion.

Ali acham-se em gérmen as grandes qualidades destes autores, e *Daniel Roch* oferece mesmo todo o interesse de um romance de intriga, destacando-se entre os tipos as figuras do velho ferreiro e dos seus dois filhos; nas cenas da montanha e no caráter de Fuldrade, empregaram os dois escritores as tintas mágicas, que deviam mais tarde derramar com pro[...] os “contos fantásticos”. Vê-se com tudo facilmente que quando escreveram estes dois livros, Erckmann-Chatrion ainda não tinham bem percebido qual o lado forte de um talento como o seu.

O *conscrito de 1813* e *Waterloo* são virulentas filípicas contra a monarquia guerreira de Napoleão Bonaparte; os males da guerra, descritos com um talento pouco vulgar, o desânimo, a miséria das populações pintadas com cores de co[...]o não carregadas, os *bulletins* das batalhas, se assim posso dizer, as lições de tática militar, tudo isso de permeio com aquele estilo que lhes é próprio, com aquela verdade admirável dos caracteres, situações e costumes, faz que consideremos estes dois romances como obras dignas de ser lidas por todos, e de tomar um lugar distinto na literatura destes últimos anos.

A *senhora Theresa*, encantador livrinho de uma poesia toda alemã, o *Bloqueio, a Guerra, Uma campanha na Kabília, a História do plebiscito*, de um ardor patriótico e de uma clareza de vistas que honram sobremaneira a Erckmann-Chatrion, as *Confidências de um tocador de clarineta, os Namorados de Catarina, o Bom tempo antigo*, são romances cujo elogio já fizemos quando falamos do talento de seus autores.

A *Taverna do presunto de Mayença* é a epopeia da gastronomia: escrita com um vigor de expressão e um brilho extraordinário de tintas, é um quadro no gênero dos grandes mestres da escola flamenga.

O *Brigulier Frédéric*, que foi pela primeira vez publicado no *Rappel*, tem todas as belezas das outras obras de Erckmann-Chatrion, levando vantagem a todas no sentimento. He pungente de verdade a história daquele velho, alsaciano, que depois de ter perdido a casa em que nasceu, depois de ter sido afrontosamente roubado pelos soldados alemães, lá se vai pelos montes cobertos de gelo e pelas extensas planícies em busca de um asilo que lhe negam os dominadores de sua pátria. Que indignação patriótica no livro dos dois escritores! que riqueza e força de expressão! que sentimento real, íntimo, profundo que o leitor mau grado seu partilha! O quadro da morte da filha única de Frederico é de mão de mestre. Aquela agonia lenta e oculta, que se revela no último momento, produz uma impressão fortíssima. Que os detratores da escola realista leiam o *Frederico*.

Erckmann-Chatrion, republicanos de alma e de coração, escrevem para instruir o povo, porque pensam que a causa de todas as misérias da França é a ignorância das classes baixas; e é por isso que em todos os seus romances, ao alcance de qualquer, a par das belezas artísticas, se veem lições utilíssimas, que têm por fim abrir os olhos do povo sobre seus direitos e seus verdadeiros interesses.

A *Historie d'un sous-maitre*, em que se anatematiza a instrução religiosa nas escolas públicas, e se criticam os meios práticos do melhoramento da instrução primária, é um livro que

devia ser traduzido entre nós. E não vão por aí pensar que o livro de Erckmann-Chatrion é uma fria exposição ou árida *memória*; não, é um romance de muito interesse para o leitor qualquer que ele seja, como são todos os seus romances. Os *Anos do colégio*, livro que se ocupa da instrução secundária, está no mesmo caso.

Até aqui ainda não falamos dos “Contos” de Erckmann-Chatrion, e principalmente dos “Contos fantásticos”; de propósito deixamos para o fim.

São novos e grandemente originais os contos fantásticos de Erckmann-Chatrion.

Sem deixar o seu costumado estilo os dois escritores entram denodadamente pelo campo da imaginação e produzem *L’oeil invisible*, *Une nuit dans les bois* e *Hugues de loup*, contos ricos de [...] veia artística. *Hugues le loup* sobre [...] do prende a imaginação do leitor pe[...] estranheza medieval de suas cenas, pelo realce dos caracteres, e pelas descrições espalhadas em todo o conto. Aquele bibliotecário corcunda, só, estudando constantemente no silêncio do gabinete, enquanto as mais espantosas cenas se passam no castelo, é uma felicíssima criação.

A ladra de crianças, conto realista de uma verdade horrível, destoa completamente do modo de escrever de Erckmann-Chatrion.

Entre todas as belezas que se descobrem nas suas obras, nota-se nos dois autores uma falta de variedade no assunto e até nos personagens dos seus romances; as histórias quase todas passadas na Alsacia, na Lorena ou nas províncias limítrofes da Alemanha, onde os costumes são os mesmos, parecem episódios da vida de um homem que existisse sempre na mesma sociedade. Por isso o “*caráter*” é o lado fraco de Erckmann-Chatrion. Os enredos dos romances pouco diferem uns dos outros, e em resumo o seu talento é mais descritivo do que inventivo, mas naquele gênero brilha. Eis a razão porque *Daniel Roch e a Guerra* são inferiores aos outros.

Mais e muito mais poderíamos dizer sobre estes dois escritores, mas o espaço não no-lo consente. Procuramos dizer o essencial, o mais resumidamente possível.

SOUZA, H. Marcos de (Inglês de Sousa). Erckmann-Chatrion. *A Autoridade*, Recife, p. 3, 29 maio 1875.

JACINA, A MARABÁ (Crônica do século XVI)

Em geral nós brasileiros ignoramos a nossa história, ou dela só conhecemos alguns *factos principais*, narrados em um estilo pesado e mau nos compêndios de Macedo ou de Pinheiro; não temos firmes e claras ideias sobre o que fosse a vida dos nossos avós, as suas condições de existência, as suas glórias, os seus crimes, as causas geradoras da nossa civilização atual.

Temos notícia da conquista portuguesa, das tentativas francesas e holandesas, das contínuas guerras entre conquistadores e conquistados; mas o que fosse esse punhado de aventureiros sedentos d’ouro e de sangue, quais as suas crenças, a sua situação e meios de defesa no grande país, completamente desconhecido; qual a sua atitude em face de uma raça sempre inimiga e implacável, embora ignorante, selvagem, inferior portanto; qual o seu ideal, qual a importância do seu feito, isso não sabemos nem procuramos saber, porque muito mais nos importam outras coisas.

Dessa profunda cisão entre passado e o presente, deste desprezo insultuoso a que estão votadas as nossas coisas, nasce a lastimável falta, que sentimos, de uma literatura nacional, de uma literatura, que refletindo a marcha da civilização da nossa sociedade que conservando esse elo entre o que já foi e o que é, nos desse o que nos falta, isto é, um caráter próprio, uma personalidade à parte, que é só o que faz a grandeza de um povo.

E pensando assim não queremos sujeitar, encadear o presente ao passado, e o futuro ao presente, mas sim estabelecer entre um e outro o laço que logicamente deve existir, laço que não impede o progresso, como pensam alguns, mas que pelo contrário o alimenta e o robustece.

Um escritor de talento, inspirado pelo são espírito de crítica, pelo sentimento poderoso do real e do verdadeiro, estudando a nossa história, no que ela tem de mais *íntimo* e mais desconhecido, encontraria tesouros inexauríveis de poesia, e o tão procurado romanesco, prestando ao mesmo tempo serviços a história e a literatura nacional.

A história dos primeiros estabelecimentos coloniais, o estudo do caráter dos portugueses daquelas épocas, que tão bem sabiam conciliar coisas de si inconsoláveis, e mais modernamente o cabedal, que cada uma das vinte províncias do Império pode fornecer com as suas lutas da independência os ódios das facções, esse período enfim de guerra entre a ideia velha e a ideia nova, de que nasceu a era em que vivemos, será coisa para desprezar, como incapaz de despertar o interesse?

Em uma palavra o que fez Cooper na América do Norte, e o que em parte fez Alencar nas *Minas de prata*, no *Garatuja* e no *Gaúcho*, deverá ceder o passo aos romances de Ponson, aos Rocamboles e Princesa dos Ursinos, aos quais os mais importantes jornais da terra são os primeiros a consagrar os folhetins?

Não competiria a esses órgãos da imprensa educar o vulgo, e desacostumá-lo por uma vez dos romances franceses, dessa literatura doentia, de que a sua inteligência e a imaginação se alimentam quase exclusivamente?

Mas quando falamos de literatura nacional e do autor do *Último dos Moicanos*, não entendemos com o português Pinheiro Chagas⁵ que o índio deva ser todo o nosso estudo, e que só será escritor brasileiro o que escrever uma *Iracema*; pelo contrário: é despindo o selvagem desse caráter falso e de empréstimo de que o tem revestido os românticos desde Chateaubriand até Franklin Távora, e desde Gonçalves Dias até Sta. Helena Magno, é determinando o seu papel limitado e pouco brilhante na sociedade brasileira, papel que tende a desaparecer com a extinção provável da raça ou com a absorção dela pela conquistadora; é estudando o que nós fomos, os aventureiros portugueses, e o que somos, isto é, os *brasileiros*, que se poderá formar uma literatura verdadeira e completa: no primeiro caso o romance histórico, no segundo o romance de costumes da atualidade.

Embora isso desagrade ao ilustre autor da *Morgadinha de Val-flor*, de perder a esperança de ver em nós selvagens cor de cobre, de arco em punho e tacape levantado; o Pery com que sonha o Sr. Pinheiro Chagas, e a *Iracema*, sem a qual ele não compreende que se possa escrever no Brasil, podem agradar quando revestidos daquele estilo mágico, e daquela inexcedível delicadeza de sentimentos e de traços de José de Alencar; faltando-lhe estas condições salvadoras, morrerão de frio ao desamparo. Para prova plena do que avançamos basta ler a *Virgem Guaraciaba* do literato português.

É pois em terreno diverso que se deve assentar a nossa literatura. Embora um povo recente, temos o nosso ontem como o nosso hoje; ontem as colônias portuguesas e holandesas, os franceses no Rio de Janeiro, o paulista ardente e aventureiro, e a mover-se no fundo do quadro vaga e indecisa a turba imensa do gentio brasileiro; hoje as nossas lutas de independência, as lutas das facções provincianas e sobretudo o povo dos sertões, com esses costumes originais e estranhos, o gaúcho do Rio Grande, o fazendeiro de Minas, o matuto e o *senhor de engenho* da Bahia e de Pernambuco, o *tapuia* semicivilizado das províncias ribeirinhas do Amazonas.

Não negamos que o índio seja um elemento da sociedade brasileira, mas sim que o selvagem, seja elemento importante, digno de nota dessa mesma sociedade.

E mesmo que admitíssemos o selvagem, herói do romance, como estudá-lo e apresentá-lo ao leitor despido das exagerações costumeiras?

Quem o conhece? Será o verdadeiro tipo da raça o índio estoico, inteligente, discursador, poeta, espécie de Rocamble das selvas, que nunca encontra obstáculo que não vença, e cuja

⁵ Novos ensaios críticos – José de Alencar. (Nota do A.)

inteligência nunca está em falta?

Por certo que não; e no entretanto tal é a figura que nos apresentam sempre os romancistas, que tomam para assunto o índio, esse ente taciturno, impenetrável, e digamo-lo francamente, embora isso desagrade a muitos, desconfiado e estúpido.

O Sr. Araripe Júnior pensa, e pensa bem, que o caráter do índio não pode deixar de ser falseado, que a linguagem traduzida nos romances não pode deixar de ser empática; por isso deu ao seu *Urutágua* algum tempo de vida e catequese no colégio dos Jesuítas, fê-lo um ente excepcional, superior, o ideal do selvagem enfim. Tal é abreviadamente o personagem principal do seu romance, *Jacina, a Marabá*.

Bem conhecemos com o Sr. Araripe Júnior a dificuldade, nós diríamos a impossibilidade da empresa.

Contudo o escritor cearense, de extrema modéstia, foi injusto para consigo mesmo, parecendo desconhecer o mérito do seu romance, que revela um talento incontestável.

A narração poética, animada, cintilante desenrola-se com gosto e conhecimento da arte; as situações, a que a lógica dos caracteres é talvez um pouco sacrificada, sucedem-se rápidas e inesperadas, e o leitor, preso pelo interesse dramático de algumas cenas, segue ansioso o personagem principal, e caminha de comoção em comoção, para um desenlace que se faz esperar muito, e que em alguns pontos parece ser espaçado de *propósito*. Parece-nos ser isto o resultado da falta de um plano, concebido por inteiro de antemão.

Nas descrições prima o Sr. Araripe Júnior; sabe apresentar os objetos com cores vivas e gravá-los na imaginação do leitor, e dispondo de um estilo seguro, estudado, mas sem afetação, consegue desenrolar as magníficas paisagens do seu romance com grande facilidade, e com um sentimento real das belezas da natureza virgem da nossa terra.

Já delicado na pintura de *Jacina*, já forte e carregado na narração das tempestades que se sucedem no ânimo de *Urutágua*, o talentoso romancista parece compenetrar-se do que escreve, e sofrer e gozar quando sofrem e gozam os seus personagens.

Não se limitou o Sr. Araripe Júnior na *Jacina, a Marabá*, a criar um caráter de selvagem, mas soube dar ao seu romance um interesse mais real e seguro; assim a tomada do forte Villegaignon pelos portugueses do Governador Geral ocupa grande parte da narrativa. Os portugueses no seu caráter e linguagem foram fielmente reproduzidos pelo Sr. Araripe Júnior: Mem de Sá, Adão Gonçalves, históricos, e Diogo de Triana são personagens vivos, movem-se na tela. Quanto a Villegaignon tão caluniado pelos historiadores católicos, e pelo seu patrício Lery, parece-nos que o romancista foi alguma coisa injusto.

Foi esta parte histórica da *Jacina, a Marabá* que nos sugeriu as observações que acima fizemos a respeito da riqueza que uma literatura esclarecida arrancaria do seio da nossa história.

Concluindo; ainda que não tenha a mão segura, firme de um escritor consumado, tem o Sr. Araripe Júnior qualidades eminentes quer como romancista quer como estilista, e é de crer que, continuando na senda, o Sr. Araripe venha a desmentir-nos, em tudo o que porventura dissemos de desfavorável ao seu talento.

SOUZA, H. Marcos de (Inglês de Sousa). *Jacina, A Marabá* (Crônica do século XVI). *A Autoridade*, Recife, p. 4, 12 jun. 1875.

A QUESTÃO DE ESCOLA EM LITERATURA

Temos visto ultimamente, entre nós, escrever-se muito sobre a questão de escola em arte, e ainda sobre o grande debate entre o romantismo e realismo com opiniões diversas, diversos modos de entender a arte, e de apreciar o espírito da literatura moderna.

Apesar de já ter passado o tempo da glória da escola romântica, de estar por assim dizer esquecida a contenda da geração de 1830, ainda se discute e se fala muito nela, e alguns parece-nos que têm mal compreendido o verdadeiro espírito daqueles que pugnam pela marcha da ideia literária, de acordo com o progresso científico e material que se realiza por toda a parte, daqueles que preferem a crítica sã da vida social às estéreis divagações de uma imaginação enferma.

São eles, os realistas, os acusados de quererem matar toda a inspiração, sepultar o ideal debaixo das ruínas da velha escola, matar com o frio positivismo a poesia, alheia às pequenas e prosaicas coisas da vida real. São eles, os realistas, os acusados de pretenderem banir inteiramente o ideal do domínio da arte.

Vejamos.

Num bem elaborado artigo, publicado no jornal, *A Escola*, o inteligente Sr. Altino de Araújo diz: “O real é o objeto fora de nós; o ideal é o objeto tal qual nós percebemo-lo e sentimo-lo... segundo o artista ou o poeta tender mais à pintura da realidade em si mesma, ou conforme a seus sentimentos, conforme ela aparece ao seu espírito, ele será realista ou idealista”. E disto conclui que a questão entre realismo e idealismo é questão de mais ou de menos.

Achamos perfeitamente justa a diferença assim estabelecida entre as duas escolas, mas tiramos consequências contrárias às do ilustrado articulista, parecendo-nos ser enorme a diferença entre a pintura da realidade em si mesma, e a pintura conforme os sentimentos do artista, entre os dados da observação, e os da imaginação, entre o objetivismo e o subjetivismo, se assim nós podemos exprimir.

A escola crítica, pois, observando e estudando está a imensa distância da escola puramente idealista; e o artista da nova seita, aprofundando o modo de ser das sociedades, e tomando por fito o que existe, em oposição completa com o artista que, no dizer do Sr. Altino, pinta a realidade conforme os seus sentimentos. Qual das duas escolas deve sobrepuzar a outra, qual dos dois artistas esteja mais de acordo com o progresso da arte, que o diga a vitória universal das ciências de observação sobre as ciências de invenção, da ciência positiva sobre a metafísica, que o diga a tendência eminentemente crítica do século.

E se compararmos aqui a arte com a ciência, é porque entendemos que aquela não pode ficar estacionaria quando esta caminha, que arte não deve ficar envolta nas faixas do que é puramente ideal quando a ciência se liberta por uma vez delas. O resultado disso seria infalivelmente que o artista estaria em perfeito antagonismo com a sociedade em que vive, que a arte não seria mais do que uma vaga aspiração, deixaria de ser prática para ser absurda, incoerente, perigosa, e que teria inquestionavelmente razão o legislador que, imitando Platão, banisse o poeta da República.

A literatura, ainda que influa grandemente sobre os costumes, não deixa também de ser o espelho da vida e pensamento de uma época, de um povo. Por isso é que na infância dos povos, a poesia sobe ao grandioso vago, que exprime a aspiração para o desconhecido, e canta a grandeza dos deuses, o maravilhoso, na ausência da ciência dos conhecimentos práticos. Mas querer fazer vigorar o idealismo (notem a palavra) na mais prática das épocas, no mais crítico dos séculos!

Portanto entendemos que a literatura, especialmente, há de ser *sábia*, há de conhecer os meios de ação, as condições de existência dos homens, há de fazer um profundo estudo do coração humano, assim como da vida social. Há de ser principalmente verdadeira porque faltando-lhe esta condição perde a sua significação e a sua razão de ser; há de ser *realista*, porque o mundo não é exclusivamente habitado por poetas, porque, os dramas obscuros, mas comoventes da vida comum, são dignos de estudo, porque nunca se poderá formar ideia exata de um século, de um povo, somente pelo que está à flor deles, somente pelas grandes ideias, grandes sentimentos e caracteres, que entusiasma o poeta, mas que não podem verdadeiramente representar esse século, esse povo.

Sem dúvida assoberba-nos a magnífica poesia de *Eviradnus*, mas não vemos que o cavaleiro andante seja a Idade Média, que *Eviradnus* seja o povo daqueles tempos. Para nós a melhor refutação do seu Werther deu-a Goethe no *Wilhelm Meister*.

“Vós banis o ideal do domínio da arte!”

Não; o idealismo não é o ideal; o primeiro é o abuso do segundo, assim como o sentimentalismo é o abuso do sentimento.

Que estudando a vida social, que aprofundando as chagas humanas, o escritor se eleve e encare a realidade de um ponto mais geral, deixando a exceção para seguir a regra, sendo assim mais verdadeiro; que dê mesmo o colorido ideal à sua obra, que encarne os vícios e virtudes sociais, exagerando de leve as personagens, mas fazendo-as verdadeiras, profundas, vivas, que num tipo resuma uma época, uma sociedade, ou parte dela, admitimos, apreciamos. Será isto o que quer o Sr. Altino de Araújo? É preciso ver, porém, que não é isto o idealismo, que colocando-se fora da verdade, abusa do ideal, como já dissemos.

Mesmo assim entendemos que o *realismo*, no sentido em que comumente se toma esta palavra, não é incompatível com a arte. Pois não haverá na vida de todos os dias, na vida real, dramas que interessem ao leitor, caracteres dignos de estudo, situações cheias de vida e de interesse? Serão os costumes e relações sociais tão desprezíveis, que neles não se possa encontrar uma poesia vigorosa e sã, livre de exageros? E se encaramos a questão pelo lado prático e utilíssimo (que não façam careta os poetas) não será mais de desejar que a poesia deixasse a velha flor azul do sentimentalismo, na frase de Guerra Junqueiro, para cantar o sentimento íntimo e verdadeiro? Não seria preferível que a arte fosse mais deste mundo, que deixasse dormirem em paz os cavaleiros andantes, e se ocupasse do homem moderno, o homem do trabalho, estando assim mais de acordo com o século?

E quanto ao dizer-se que o realismo quer a ciência e não o belo, e que não será artista o escritor que só cuidar em *copiar*... Julgarão talvez que o artista que conseguir reproduzir na tela a verdade com cores vivas e profundas nada terá feito?

Julgarão que o escritor realista é alheio à inspiração?

Que na escolha dos caracteres, das situações, do enlace, na contextura, em tudo enfim, não se possa revelar o que convencionou-se chamar inspiração?

É erro que evidentemente demonstraram Coppée, Beecher-Stowe, Erckmann-Chatrian, Macedo e Alencar algumas vezes, Bernardo Guimarães, Generino dos Santos também algumas vezes, Delaberge, Theodore Rousseau, Leleux, além de outros sem falar de Balzac e dos grandes mestres da Escola Flamenga.

Algumas pessoas, porém, querem que apreciemos más poesias e maus romances, admirando-se da nossa má vontade, porque dizem eles:

“Olhe que é realista.” Tínhamos seriamente desejo de dar-lhes a ler o *Cascabulho louro* de A. Holanda, as poesias da Senhora Tiburtina ou quejandas, dizendo: “Não gostam? É romantismo puro!”

Mas somos generosos.

Em resumo se em uma balança se colocassem os *Mártires o Atala*, o *Renato* de Chateaubriand; a *Corina* e a *Delfina*, de Mme. Staël; o *Raphael* de Lamartine; as obras completas de Dumas Pai, e em outra a *Comédia humana*, para nós é certo que a balança que contivesse as obras de Balzac pesaria mais.

A propósito de Balzac, diz um articulista da *Lucta*:⁶

“Balzac é quase sempre interessante; mas a curiosidade com que acompanhamos muitas das suas profundas análises é antes a avidez científica de um investigador do que o inefável arroubo do coração que sente e admira.”

Não; não é isto o que nos sucede com a leitura de Balzac. Ainda que seja uma das suas virtudes incontestáveis, talvez a sua maior glória, a análise lógica dos caracteres, contudo ele é também artista, e para nós a cena de agonia do *Père Goriot* é um dos quadros mais artísticos e mais

⁶ Falta nota. O jornal põe a indicação de uma nota, mas não a publica.

comoventes que temos encontrado. *A Moça dos olhos de ouro*, a *Duquesa de Langeais* e a maior parte dos romances de Balzac possuem cenas que em nada cedem as dos maiores artistas; e a prova de que o interesse que ele desperta não é, como diz o colega, a avidez científica de um investigador é que muito antes de ser compreendido no seu país o autor de *Eugênia Grandet* era imensamente lido.

SOUZA, H. Marcos de (Inglês de Sousa). A questão de escola em literatura. *A Autoridade*, Recife, p. 4, 24 jul. 1875.

Recebido em: 18 jun. 2015.

Aprovado em: 30 jun. 2015.

FOCO E ESCOPO

A revista *Cadernos Literários* é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado em História da Literatura e do Núcleo de Pesquisas Literárias do Instituto de Letras e Artes (ILA), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tendo por objetivo a divulgação de trabalhos inéditos relacionados à área dos Estudos Literários, em especial aqueles temas concernentes à área de concentração do Programa, História da Literatura, assim como às suas linhas de pesquisa: Literatura, História e Memória Literária; Literatura Sul-Rio-Grandense; Escrita Feminina.

Todo texto submetido à publicação é analisado previamente pelo editor e, caso atenda ao escopo da revista, será encaminhado para revisão por dois pareceristas, que farão suas avaliações segundo critérios definidos pelo Conselho Editorial. Em caso de divergência de pareceres, o texto será encaminhado a um terceiro relator, para arbitragem.

Na etapa de submissão, três decisões são possíveis após o parecer dos avaliadores:

- a submissão é rejeitada e fundamentada com parecer dos avaliadores;
- a submissão é aceita sem correções;
- são solicitadas correções que devem ser atendidas em determinado prazo, as quais serão novamente avaliadas para aceite ou rejeição definitivos.

Os trabalhos aceitos no processo de avaliação passam à etapa de edição, para os ajustes finais da publicação.

O periódico apresenta as seguintes seções: Dossiê Temático, Seção Livre, Entrevistas, Documentos, Resenhas e Criação.

Dossiê Temático: a seção é organizada por um ou mais pesquisadores, especialistas no tema da chamada, pertencentes à FURG ou não. Para essa seção, são aceitos artigos pertinentes à temática proposta. Por número, serão publicados de 5 a 15 textos nessa seção.

Seção Livre: serão aceitos trabalhos sobre assuntos relativos aos Estudos Literários. Por número, serão publicados até 5 textos nessa seção.

Entrevistas: serão aceitas entrevistas com escritores, professores e pesquisadores brasileiros ou estrangeiros. Por número, serão publicados até 2 textos nessa seção.

Documentos: serão aceitos trabalhos de pesquisa que resgatem textos e/ou autores da história da literatura brasileira ou de outras literaturas nacionais. Por número, serão publicados até 2 textos nessa seção.

Resenhas: serão aceitos trabalhos que comentem e resenhem obras de teoria, crítica e história, ou ficcionais/poéticas, publicadas até dois anos antes da data de submissão à revista. Por número, serão publicados até 3 textos nessa seção.

Criação: serão aceitos textos literários nos gêneros poético, narrativo e teatral. São incentivados também trabalhos de tradução literária, das línguas espanhola, inglesa e francesa, para o português. Por número, serão publicados até 3 textos nessa seção.

Todos trabalhos, em qualquer uma das seções, devem ser inéditos, e a sua submissão precisa se dar por meio dos meios indicados e dos prazos divulgados na página eletrônica da revista.

Podem submeter trabalhos mestrandos, mestres, doutorandos e doutores vinculados a instituições de ensino de nível superior, a institutos federais de educação ou a fundações de pesquisa.

As línguas aceitas para publicação são o português, o inglês, o espanhol e o francês. Quando em português, o texto deve apresentar título, resumo e palavras-chaves em inglês; quando nas demais

línguas, deve apresentar título, resumo e palavras-chaves numa dessas línguas e também em português.

Coautoria: é admitida, desde que o texto seja efetivamente feito em conjunto. Orientação não deve ser encarada como coautoria; nesses casos, o texto deve ser assinado somente pelo orientando, podendo haver uma nota de rodapé apontando quem orientou o ensaio.

Entre Dossiê Temático e Seção Livre, a revista publicará ao menos 14 textos, somando os dois números anuais. Será aceita a publicação de apenas um artigo por autor, a cada ano.

Visando atender aos critérios de avaliação da endogenia nos periódicos científicos, a revista *Cadernos Literários* limita-se a publicar anualmente no máximo 30% do número de artigos cujos autores sejam vinculados a FURG.

A publicação do trabalho implica a cessão integral dos direitos autorais à revista *Cadernos Literários*. Conceitos e opiniões veiculados nos textos são de responsabilidade dos autores, não coincidindo, necessariamente, com o ponto de vista do editor ou do Conselho Editorial da revista.

DIRETRIZES PARA AUTORES

Dossiê Temático e Seção Livre:

Os textos, inéditos, submetidos devem ser digitados no processador de texto Word (.doc ou .docx), em fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento 1,5 e margens 2,5cm, com no mínimo 8 páginas e no máximo 20.

O título, todo em maiúscula, deve estar destacado em negrito, com alinhamento centralizado. Depois de um espaço, segue-se a versão do título em Inglês, centralizado, sem negrito e sem caixa alta.

Depois de outro espaço, o nome do autor deve estar à esquerda; logo abaixo, em nova linha, o nome e a sigla da instituição a que pertence. A identificação do autor será removida pelo editor antes de o texto ser repassado aos pareceristas.

O resumo, de cinco 5 a 10 linhas, deve redigido em corpo 11, alinhamento justificado, entrelinha simples. O termo “Resumo” deve estar em negrito, seguido de dois pontos. As palavras-chave, logo abaixo do resumo, devem ter a mesma configuração deste. O termo “Palavras-chave” deve estar em negrito, seguido de dois pontos. As palavras-chave devem ser de 3 a 5, separadas entre si por ponto e vírgula e concluídas com ponto final.

Após um espaço, resumo e palavras-chave (*abstract e keywords*), na língua inglesa, com a mesma configuração. Se o texto for escrito em inglês, espanhol ou francês, resumos e palavras-chave devem vir nessas línguas e também em português.

Quando houver entretítulos no texto, devem vir com entrada de parágrafo (1,25), somente a primeira letra em maiúscula e em negrito. O parágrafo após o entretítulo deve vir a seguir, na linha abaixo.

Entrada dos parágrafos: espaço de 1,25cm.

As citações com até 3 linhas devem ser marcadas com aspas duplas e inseridas no corpo do texto. A citação que ultrapassar 3 linhas deve ser recuada e inserida em parágrafo próprio, com recuo de 4cm, corpo 11, alinhamento justificado, entrelinha simples. A citação deverá conter o nome do autor, o ano da obra e as páginas, apresentadas no formato (AUTOR, data, página). Exemplo: (CANDIDO, 1999, p. 9). Notas de rodapé devem ser usadas somente para explicações e comentários adicionais; devem estar em corpo 10, espaço entrelinhas simples.

Citações de outros textos sempre devem estar atualizadas, conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Ao final, a bibliografia deve vir sob o título “Referências”, em negrito, somente a primeira letra em maiúscula, com entrada de parágrafo (1,25). As referências, somente dos livros citados no corpo do texto, devem vir em espaço 1,5, seguindo o modelo básico abaixo:

SOBRENOME DO AUTOR, Prenome sem abreviatura. Título do livro (em itálico): (subtítulo, se houver). Local de publicação: Editora, Data.

Entrevistas, Documentos e Resenhas:

Não necessitam de resumos e de palavras-chaves, nem apresentam limites mínimo ou máximo de páginas; de resto, seguem as mesmas diretrizes acima especificadas.

Criação:

Os textos para esta seção também não necessitam de resumos e de palavras-chaves. Os textos de criação devem ter no máximo 10 páginas, com formatação livre.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br